

estuda e expõe sobre a herança tomista sobre este tema, sob a dominância de uma cultura e de um pensamento religiosos, e a separação da inspiração religiosa e sobrenatural que adveio com a emergência do pensamento moderno ou, como se exprime, do naturalismo moderno. Em complemento a este capítulo, expõe a situação da apologética em 1893, uma data que marca a agudização do desenvolvimento daquele pensamento naturalista e secularizante. O último capítulo procura uma visão integral do problema, com subtemas como o apelo do transcendente no desdobramento do agir, o filósofo e o sobrenatural, os teólogos e o pensamento blondeliano, a assunção teológica da natureza.

O livro contém ainda um anexo, que constitui o seu último capítulo (escrito no ano seguinte (1950) sobre «Antagonismos e afinidades». Aí reflecte Poulat sobre temas como a atitude do sábio na cidade, agustinismo e aristotelismo e a essência contra a existência.

Seguem-se o posfácio e o testamento espiritual de Poulat e a sua extensa bibliografia activa (299-354), estabelecida por Yvon Tranvouez.

JORGE COUTINHO

**BERNARD, Jean-Alphonse, *Éloge du droit naturel*, Desclée de Brouwer (www.editionsddb.fr), Paris, 2015, 274 p., 225 x 140, ISBN 978-2-22006-709-4.**

Num tempo de generalizado positivismo jurídico (a par de outros) – nada nos precede como dado: tudo é posto ou feito pelo homem – ou, se preferirmos, de «culturalismo integral» – não há o que em outros tempos se considerou como «natureza» e nada de nela fundado ou «natural»: tudo é produto da cultura,

variando conforme os tempos e os lugares – tempo em que, como consequência, assistimos a um generalizado relativismo, jurídico como moral, num tempo assim, um título como o deste livro tem o seu quê de corajoso e de provocatório. O autor teve, efectivamente, coragem de enfrentar esta situação, comum entre os políticos, os juristas e os intelectuais em geral, contrária, todavia, àquilo que é designado como o senso comum ou a uma verdadeira sabedoria. Tempo, por isso, de insensatez e de impasses em muitas coisas, que não existiriam se houvesse homens mais sábios e menos «sabidos».

Mas o autor não teve apenas coragem. Ele teve – tem – as suas armas bem preparadas. E estas são as da sua inteligência e do seu estudo dos fundamentos da tese que afirma haver uma natureza e um direito natural. Quando muitos pensam que a ciência (positiva) acabou por permitir passar-se sem ela, procura mostrar que uma leitura generosa dos trabalhos dos sociólogos e dos antropólogos revela, ao contrário, os limites de um «culturalismo integral», fazendo apelo a uma natureza humana e, com isso, a uma lei natural.

No seu estudo, dividido em três partes, começa por expor o pensamento de dois autores que, inseridos em plena «crise da consciência europeia» (Paul Hazard), fizeram a ponte entre a tradição e a modernidade. Trata-se de John Locke e de Montesquieu. A sua releitura atenta mostra que, em pleno século das Luzes, a ideia de lei natural esteve mais presente do que possa pensar-se. Na segunda parte, J.-A. Bernard explora o que considera a base comum: desde a tradição grega, com a sua ideia de natureza, de onde os Antigos tiraram a ideia da lei, seja natural seja convencional, examina o contributo do cristianismo que, com Tomás de Aquino, irá distinguir entre lei natural e lei revelada.

A terceira parte, que ocupa quase dois terços do livro (pp. 95-254), é dedicada à análise de uma série de temas e problemas concretos que estão hoje particularmente na ordem do dia. Leva por título «Temas e variações sobre o mundo moderno e a lei natural». Em sucessivos capítulos J.-A. Bernard trata, em estilo conciso e pertinente, sempre bem informado, da teoria física e a crise dos fundamentos; do indivíduo como alvo do poder escravizante da internet; da educação como aprendizagem da autogestão dos educandos; da problemática sobre sexo, género e natureza; da lei natural em confronto com a chária (no mundo islâmico); da relação natureza e cultura; da crise da ideia de beleza no universo da arte; direito natural e arte política; da ancoragem no direito natural como razão do respeito que é tido pelo exército em França. Um último capítulo mostra como Freud e a sua psicanálise acabaram por infligir, porventura sem o saberem, um grande golpe no positivismo, mormente jurídico e moral.

JORGE COUTINHO

## BIOGRAFIA

BEDOUELLE, Guy-Thomas, **Dominique ou la grâce de la parole**, Les Éditions du Cerf ([www.editionsducerf.fr](http://www.editionsducerf.fr)), Paris, 2015, 413 p., 240 x155, ISBN 978-2-204-10100-4.

Contemporâneo de Francisco de Assis, e, como ele, grande reformador e fundador de uma Ordem religiosa de novo figurino, já não monástico ou a incidir na prática da fuga do mundo e da santificação pessoal através da vida contemplativa, mas voltada para o mundo carecido de evangelização, Domingos de Gusmão, ao contrário daquele, é, no plano biográfico, um grande

desconhecido. Além do mais, pelo facto de não ter deixado quase nenhum escrito. Guy-Thomas Bedouelle (1940-2012), dominicano, deu-se ao estudo da sua vida, da sua personalidade e da sua obra na Igreja, dando conta, neste volumoso livro, da sua investigação, mostrando aí um São Domingos vivo, capaz de seduzir homens e mulheres do nosso tempo para o seguimento do seu biografado.

Trata-se de uma biografia com carácter científico, pela constante preocupação do autor, de manter continuamente o contacto com as fontes da história. Com isso, sem deixar de insistir na personalidade espiritual e apostólica de São Domingos, traz à luz dados novos e corrige certas deformações como as que foram introduzidas por Lacordaire, com a sua sensibilidade e seu estilo impregnados de romantismo. O complemento do título, como facilmente se adivinha, realça o seu carácter de fundador da Ordem dos Pregadores.

E, de facto, o texto divide-se em duas grandes partes: a primeira, mais estritamente biográfica, incidindo a segunda sobre «a graça da pregação». Na primeira parte, G.-Th. Bedouelle descreve, num primeiro capítulo, o século de Domingos: numeroso, urbano, com uma sociedade pobre, em emergência de nações e com a cristandade ameaçada, particularmente pela heresia dos cátaros. Um segundo capítulo descreve a vida do biografado, como vida marcada pela discipulação, «escondida na luz». À falta de documentos do próprio, serve-se do testemunho de discípulos e de escritos que sobre ele ficaram como documentos. É o caso do *Libellus* e dos *Fioretti et exempla*. Uma vida que continua explorada no capítulo seguinte, onde aparece a fundação da Ordem dos Pregadores e a sua primeira irradiação, no serviço evangelizador e missionário. O quarto capítulo retrata a santidade de Domingos, com destaque